



EIXO 4: POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA, SAÚDE E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PROFISSÃO DOCENTE

JUVENTUDES CAMPONESAS NA UNIVERSIDADE: PROSAS, DESAFIOS E PERMANÊNCIA

Ramon Santana Teixeira Lima

Mestrando PPGECID/UFRB

Bolsista FAPESB

E-mail: ramonteixeira2597@gmail.com

Idalina Souza Mascarenhas Borghi,

UFRB

E-mail: ismborghi@gmail.com

Resumo

O manuscrito é uma descrição das atividades realizadas no projeto de extensão “Juventude camponesa e permanência universitária: repensar, transgredir e construir”, que foi desenvolvida no componente Prática Profissional Docente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Científica Inclusão e Diversidade (PPGECID), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Os dois encontros, presenciais, foram realizados no período entre maio e junho de 2025, com a participação de 23 jovens do campo dos municípios de Antônio Cardoso, Ibipeba, Feira de Santana, Itaguaçu da Bahia, Ibipeba, Ipecaetá, Piatã, Água Fria e Irará, todos eles localizados no Estado da Bahia. Os participantes da ação extensionista são estudantes universitários dos cursos de Tecnologia em Alimentos na Educação do Campo e Licenciatura em Educação do Campo nas Áreas do conhecimento Ciências da Natureza e Matemática e do mestrado em Educação Científica Inclusão e Diversidade (PPGECID).

A motivação para realizar esse projeto com jovens camponeses/as universitários/as surge a partir da minha realidade de jovem camponês na universidade, com uma trajetória acadêmica marcada pela existência de dilemas que dificultaram a minha permanência na graduação, e ao mesmo tempo, despertou o meu interesse em compreender como estudantes, com realidades semelhantes a minha, estão enfrentando seus dilemas e quais caminhos podem ser construídos para tornar o percurso dos jovens camponeses na universidade mais justo, nas dimensões simbólica e material.

Neste relato de experiência o procedimento metodológico utilizado foi a descrição das experiências dos participantes relacionadas a permanência universitária, e que foram construídas nos Círculos Dialógicos realizados em cada encontro por meio do diálogo problematizador, articulado com a práxis pedagógica, epistemológica e política das ações sociais pensadas de forma crítica (Toniolo; Heinz, 2017). Afirmamos que para preservar a identidade e anonimato dos participantes utilizamos nomes fictícios.

No primeiro encontro de Diálogos sobre Juventudes, tomamos como referência para mobilizar o debate, autores como Dayrell (2003), Pais (1990), Weisheimer (2019), Borghi, Orrico e Mendes (2021), refletindo sobre autonomia, independência, o papel do jovem na sociedade, juventude camponesa, as juventudes que são negadas, entre outras questões relacionadas aos percursos formativos e histórias de vida, que surgiram durante os encontros com os participantes.

Nesse encontro, problematizamos o conceito de juventudes utilizando dois episódios do documentário Crianças Invisíveis, em uma visão ampla dos sete episódios, o documentário aborda a ausência da garantia do direito do acesso à educação, segurança, alimentação, brinquedos, brincadeiras e as infâncias que são negadas. O objetivo de exibir o documentário foi fazer analogia entre a existência de diferentes infâncias e o pensamento de que a juventude não é homogênea, ou seja, ela deve ser pensada na pluralidade dos modos em que cada grupo social constrói seu modo de vivenciar a condição juvenil.

O documentário despertou muitas percepções nos participantes sobre as juventudes que são negadas, a partir de suas colocações percebemos que corroboram com Arroyo(2015) e entendem que entre os motivos das juventudes serem negadas estão a ausências dos direitos sociais coletivos para as mulheres, povos originários, afrodescendentes, negros, LGBTQIA+, entre outros grupos marginalizados, que historicamente foram colocados em contextos de estratificação social, que nega a qualidade de vida humana, além de produzir estereótipos que são marcadores sociais de crianças pobres e negras como delinquentes.

Para o segundo encontro “Desafios e resistências na permanência universitária” selecionamos como referências norteadoras a Lei de Cotas, as resoluções e portarias de ações de permanência ofertadas pela UFRB, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e o artigo “Juventudes, pesquisa (auto) biográfica e formação

docente: narrativas e implicações insurgentes” e recortes de pesquisas com falas de estudantes sobre a forma de ingresso dos jovens camponeses na universidade, as expectativas, anseios, dilemas, as condições de permanência material e simbólica, entre outros achados que foram obtidos durante a Revisão de Literatura.

No encontro a participante Beatriz compartilhou a sua dificuldade em não conseguir compartilhar os conhecimentos obtidos dentro do espaço acadêmico na sua comunidade, talvez pela falta de confiança na responsabilidade e potencialidade da jovem pelas pessoas adultas do local. Acrescentamos que essa dificuldade em compartilhar os conhecimentos na comunidade, pode ter origem também na desqualificação de gênero feminino, nessa situação existe a interseccionalidade entre o estigma de jovem e a discriminação de gênero (Crenshaw, 2002).

A participante Bruna, realizou uma fala comovente, marcada pelo choro diante de uma rotina exaustiva de trabalho e dificuldades em se adaptar as dinâmicas da produção do trabalho científico. Os jovens das classes populares precisam aprender o ofício de estudante acadêmico, os primeiros anos do curso são os mais turbulentos por conta da sensação de estranhamento, normas acadêmicas de produção científica, a linguagem formalizada, cobranças dos professores e ausência de orientação pedagógica na realização das atividades (Coulon, 2017). Percebemos que para os jovens das classes populares, a aprendizagem do ofício da docência, é só mais um dos tantos desafios simbólicos e materiais que eles são desafiados a enfrentar.

No terceiro e último encontro construiremos, coletivamente, um grafite no centro de ensino que respondesse à pergunta: o que é essencial para resistir e permanecer na universidade? Essa arte será uma forma de externalizarmos as discussões dos encontros anteriores, reafirmar a presença das diversidades na universidade e a luta por condições dignas de permanência.

As ações realizadas indicaram sinais de que é fundamental a existência de um setor da Universidade responsável pelo acompanhamento da juventude universitária, fornecendo suporte para que os estudantes não tenham uma trajetória acadêmica marcada por dificuldades pedagógicas, materiais e toda forma de silenciamento. Isso pode ser feito com ações como rodas de conversa quinzenais, formações sobre ferramentas digitais, seminários temáticos, políticas de permanência conectadas com políticas intersetoriais de combate à pobreza e distribuição de renda, implementação do restaurante universitário,



entre outras, que contribuirão para a permanência e a dignidade da vida acadêmica dos estudantes.

Palavras-chave: Juventudes. Campo. universidade

Referências

ARROYO, Miguel. **O DIREITO À EDUCAÇÃO E A NOVA SEGREGAÇÃO SOCIAL E RACIAL TEMPOS INSATISFATÓRIOS?**. v.31, n.3.Educação em Revista: Belo Horizonte. 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

BORGHI; ORRICO; MENDES. **TECER A VIDA EM TEMPOS DE PANDEMIA: NARRATIVAS E APRENDIZAGENS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS CAMPONESES**. *Revista Práxis*, v. 13, n. 25. 2021.

COULON, Alain. **O ofício de estudante: a entrada na vida universitária**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, 2017

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. nº24, *Revista Brasileira de Educação*, 2003.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos**. vol. XXV, *Análise Social*, 1990.

TONIOLO; HENZ. **Paulo Freire no âmbito da pesquisa: os círculos dialógicos investigativo-formativos como possibilidade de reinvenção dos círculos de cultura e auto(trans)formação permanente com professores**. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 519–537, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v42i2.44026>.

WEISHEMER, Nilson. **A situação Juvenil na Agricultura familiar**. Curitiba: CRV, 2019.